



nara roesler

vik muniz
dinheiro vivo

nara roesler são paulo
abertura 4 de março, 2023
exposição 4 mar – 22 abr, 2023

vik muniz: dinheiro vivo

eduardo bueno

Dinheiro é papel e é moeda. É meio circulante e meio de comunicação.

Dinheiro é princípio, meio e fim. Significado e significante, no verso e no anverso.

Dinheiro é cifra e cifrão – o código cifrado que todo mundo no mundo inteiro entende.

Dinheiro é cara e coroa, é efígie e emblema – e pode ser problema.

Mas dizem que dinheiro na mão é a solução. E solidão.

Vik Muniz passou boa parte da vida correndo atrás do dinheiro. Mas passou mais tempo disposto a investigar a relação entre os objetos e a sua representação. Entre o signo e a coisa em si. E, no fim das contas, o que pode ser mais simbólico do que o dinheiro?

Assim, eis aqui o dinheiro como meio, mensagem e representação de si mesmo. Picotado, recortado, repartido e aos pedaços – e depois colado e rejuntado, para revelar quanto vale o dinheiro quando já não vale nada.

Sim, essa exposição nasceu de um saco cheio de dinheiro, cujo destino era o último lugar onde se supõe que o dinheiro vá parar: na reciclagem. Após visitar os meandros invioláveis da Casa da Moeda, essa casa de papel onde o Brasil imprime seu Real, Vik Muniz saiu de lá munido de sacos cheios de dinheiro. Dinheiro morto: eram mil folhas de notas descartadas que seriam recicladas. Tais cédulas, Vik tratou de transmutá-las em

células de novos organismos, já que em seu DNA de artista está o dom de transubstanciar.

E assim, imagem e objeto se desassociam, abrindo o espaço para discutir o valor não só do signo, mas das cifras: afinal o dinheiro vale o quanto compra ou o quanto expressa? Vale o quanto pesa? E a arte, vale quanto? De quebra, qual o valor da vida selvagem impressa e impressada na selva das cidades?

Pois ao conferir vida nova às tartarugas, bugios, lobos, garças e onças das velhas cédulas do Real, numa espécie de desembarque dos bichos pós-dilúvio universal, Vik ressignifica também a expressão “dinheiro vivo”, título da mostra que expõe nossa moeda corrente pelas matas e margens e mangues, a escorrer pelas águas e esvoaçar pelos ares sem sair do papel – e longe de ser criptomoeda.

Mas cabe lembrar que se o próprio dinheiro está em extinção – pelo menos no papel –, perigos bem maiores rondam a fauna e a flora brasileiras. Até porque, há bem pouco tempo, o Brasil estava na mão daqueles que achavam que a floresta e seus habitantes não valiam um dólar furado e botaram o país à venda por 30 dinheiros. Mas essas colagens despontam como novo jogo do bicho, no qual Vik fez sua fé. E assim como as árvores viram carvão no quadro clássico de Taunay, essas notas aos pedaços se reúnem e se reagrupam para conceder ao Brasil um sopro de vida e um sopro de imaginação.



Dinheiro Vivo: Floresta Brasileira,
a partir de Johnson Heade, 2022
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6 + 4 PA
197,1 x 160 cm





Dinheiro Vivo:
Tartaruga-marinha, 2022
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6 + 4 PA
101,6 x 146,3 cm



Dinheiro vivo é uma série que se divide em dois corpos de trabalhos. O primeiro deles traz representados os animais que estampam as cédulas do dinheiro brasileiro, tais como a tartaruga marinha, o mico-leão-dourado, a arara vermelha, a garoupa, a garça e a onça pintada. As imagens são transposições das estampas das notas de Real, feitas a partir de fragmentos das mesmas que haviam sido descartadas pela Casa da Moeda. Sendo assim, a imagem do lobo-guará é feita com fragmentos de notas de duzentos reais, já as da garça, com fragmentos de notas de cinco reais. Desse modo, Muniz traz como foco os aspectos simbólicos do dinheiro, para além do seu valor monetário.



Dinheiro Vivo: Garça, 2022
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6 + 4 PA
101,6 x 113,5 cm



*Dinheiro Vivo: Selva, a partir de
Johann Moritz Rugendas, 2022*
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
160 x 246,5 cm







*Dinheiro Vivo: Mata Virgem perto
de Manqueretipa, a partir de
Johann Moritz Rugendas, 2022*
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
160 x 208,3 cm





No segundo grupo de trabalhos, Muniz recria pinturas e gravuras de paisagens brasileiras do século XIX, feitas por pintores viajantes, tais como *Praya Rodriguez* (1835), de Johann Moritz Rugendas, pintor alemão que participou da expedição Langsdorff; *Floresta brasileira* (1864), de Martin Johnson Heade, pintor de paisagem norte-americano que passou uma temporada no país; e *Mata reduzida a carvão* (1830), de élix Taunay, parte da Missão Artística Francesa no Brasil, e posteriormente, diretor da Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Dinheiro Vivo: Serra Ouro Branco,
a partir de Johann Moritz Rugendas, 2022
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
160 x 212,1 cm





Dinheiro Vivo: Arara, 2022
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6 + 4 PA
122,2 x 101,6 cm





Dinheiro Vivo: Mico-leão-dourado, 2022
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6 + 4 PA
101,6 x 116,8 cm



Dinheiro Vivo: Onça-pintada, 2022
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6 + 4 PA
101,6 x 114,3 cm





Ao invés de cópias fiéis das imagens, procedimento que Muniz até então vinha realizando em séries como *Pictures of Pigment*, *Pictures of Magazine* e *Repro*, as obras de referência são transformadas, tendo em vista que os valores tonais das pinturas recriadas pelo artista correspondem àqueles presentes nas cédulas de Real. Ao escolher trabalhos de artistas estrangeiros que moldaram a imagem do Brasil no país e no exterior, alterando suas cores, o artista nos faz observá-las sob uma nova perspectiva.



Dinheiro Vivo: Mata reduzida
a carvão, a partir de Felix Taunay, 2022
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
160 x 230,9 cm





Dinheiro Vivo: Lobo-guará, 2022
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6 + 4 PA
101,6 x 131,6 cm





Dinheiro Vivo: Garoupa, 2022
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6 + 4 PA
160 x 213,4 cm





Dinheiro Vivo: Vista da costa da Bahia,
a partir de Johann Moritz Rugendas, 2022
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
206,5 x 160 cm







Dinheiro Vivo: Praia Rodrigues,
a partir de Johann Moritz Rugendas, 2022
impressão jato de tinta em papel archival
edição de 6 + 4 PA
160 x 212,1 cm



vik muniz

n. 1961, são paulo, brasil

vive e trabalha entre rio de janeiro, brasil e nova york, estados unidos

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se matérias-primas tão variadas quanto algodão, açúcar, chocolate e até material encontrado no lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

exposições individuais selecionadas

- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011
ny, usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art